

O SER HUMANO E A NATUREZA NO PENSAMENTO TEOLÓGICO-PEDAGÓGICO DE JOÃO AMÓS COMENIUS¹

Edson Pereira Lopes²

Resumo: Nos últimos anos vem crescendo a discussão em torno das questões ambientais. Prova disso é que o ano de 2010 foi declarado, pela Organização das Nações Unidas (ONU), o ano da biodiversidade, com a finalidade de celebrar e valorizar a vida na terra e explicitar que o ser humano é parte integrante da natureza e tem a responsabilidade de protegê-la. A partir dessa perspectiva, o presente artigo tem como objetivo refletir a respeito da relação do ser humano com a natureza numa perspectiva teológico-pedagógica, tendo como referência o pensamento de João Amós Comenius, considerado o Pai da Pedagogia Moderna.

Palavras-chave: Natureza. Teologia. Pedagogia. Comenius.

*The human being and the nature in the theological and pedagogical
thought of John Amos Comenius*

Abstract: In recent years a growing discussion about environmental issues is taking place. Consequently the United Nations (UN) has declared 2010 to be the year of the biodiversity in order to celebrate and enhance life on earth and to explicit that the human being is part of nature and has the responsibility to protect it. From this perspective, this article aims to reflect the relationship of humans with nature in a theological-pedagogical perspective, with reference to John Amos Comenius thought, considered the Father of Modern Pedagogy.

Keywords: Nature. Theology. Pedagogy. Comenius.

O ano de 2010 foi declarado, pela Organização das Nações Unidas (ONU), o ano da biodiversidade e em seu *site* assinalava-se tratar-se de uma celebração da vida na terra e a valorização da diversidade da vida. Na resposta à pergunta quanto à razão da ONU ter escolhido o ano de 2010, explicita-se que o ser humano é parte integrante da natureza e está em seu poder protegê-la ou destruí-la. O vocativo do ano da biodiversidade tem como finalidade o cuidado da vida com vistas a um futuro melhor.³

¹ O artigo foi recebido em 18 de fevereiro de 2011 e aprovado por parecerista *ad hoc* mediante parecer de 08 de março de 2011.

² Diretor da Escola Superior de Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie e docente no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião na mesma universidade. Suas áreas de pesquisa e ensino são: Religião e Educação e Metodologia da Pesquisa. E-mail: enttlopes@gmail.com

³ Para maiores esclarecimentos, ler: **The United Nations declared 2010 to be the International Year of Biodiversity**. Disponível em: <www.cbd.int/2010/welcome>. Acesso em: 28 nov. 2010.

Tendo esse fator como motivador e uma teologia que contempla as discussões que envolvem a reflexão e igualmente a ação, daí ser mais adequado pensar numa *práxis teológica*, pretende-se neste artigo refletir a respeito da relação do ser humano com a natureza numa perspectiva teológico-pedagógica, tendo como referência as obras *Didática magna* e *Pampaedia* de João Amós Comenius. Analisado, assim, trata-se de um foco inédito com relação ao pensamento comeniano, em função disso, para tanto foi mister dividi-lo em três partes: Na primeira, tratou-se da “revolução científica” e o pensamento de João Amós Comenius; a seguir, discutiu-se a relação do ser humano com a natureza no pensamento teológico de Comenius. Por fim, assinalou-se a relação do ser homem com a natureza no pensamento pedagógico de Comenius.

A “revolução científica” e o pensamento de João Amós Comenius

Há várias formas de estudar o pensamento de João Amós Comenius. Uma delas é assinalar que suas ideias estão inseridas num período de transição com ecos da fase final da Idade Média. Outra forma é estudá-lo a partir da reflexão da Renascença, passando pela Reforma Protestante do Século XVI⁴, com destaque para os reformadores Martim Lutero e João Calvino, que certamente influenciaram seu modo de entender o mundo.⁵ Outra forma é discutir o pensamento comeniano a partir do período de tempo entre a escrita *De revolutionibus* de Nicolau Copérnico, em 1543, e a obra de Isaac Newton, *Philosophiae naturalis principia mathematica*, publicada em 1687, que Pearcey e Thaxton⁶ denominam como período da “revolução científica”.

Optou-se por pensar as ideias comenianas sob esse último viés, haja vista que essa nova cosmovisão afeta diretamente a relação do ser humano com a natureza. Ao pensar na “revolução científica”, não pode ser esquecido o humanismo, surgido num importante momento da Europa, isto é, no final da metade do século XIV.⁷

O humanismo está focado na valorização dos assuntos humanos, é o que pontuam Springsted e Diogenes: “Os humanistas buscavam reintegrar-nos ao mundo da natureza e história como o lugar apropriado para a realização de nossas capacidades”⁸. Abbagnano afirma que o humanismo pode ser entendido como

⁴ LOPES, E. P. **A inter-relação da teologia com a pedagogia no pensamento de Comenius**. São Paulo: Mackenzie, 2006. p. 70-85.

⁵ SPRINGSTED, E. O.; DIOGENES, A. **Filosofia para entender teologia**. Santo André (SP): Academia Cristã, 2010. p. 180.

⁶ PEARCEY, N. R.; THAXTON, C. B. **A alma da ciência: Fé cristã e filosofia natural**. São Paulo: Cultura Cristã, 2005. p. 15-17.

⁷ NUNES, R. A. C. **História da educação no renascimento**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1980. p. 1.

⁸ SPRINGSTED; DIOGENES, 2010, p. 187.

“qualquer movimento filosófico que tome como fundamento a natureza humana ou os limites e interesses do homem”⁹.

Muitos cristãos associam o humanismo com um princípio filosófico que exclui a existência de Deus. Confundir, porém, o humanismo com o antropocentrismo é uma visão reducionista, pois, na história, encontram-se vários pensadores cristãos considerados humanistas, dentre eles está João Calvino. Hooft¹⁰ afirma: “o ensino de Calvino sobre o humanismo cristão que, fundado sobre o humanismo [...], pressupõe uma sociedade onde o homem age na qualidade de responsável perante Deus e responsável por seus irmãos”.

Em Biéler¹¹ encontram-se argumentos que assinalam ser Calvino um humanista. A partir disso é possível seguir a afirmação de Springsted e Diogenes: “O humanismo cristão é a visão de que a cultura humana é valiosa para a vida cristã [...]”¹². Eles seguem no fundamento de suas afirmações da seguinte maneira: “Ela [a vida cristã] evita tanto a atitude do filitínismo – o vulgar denegrecimento dos genuínos empreendimentos humanos –, como também a soberba de se dar mais importância à cultura humana do que seria compatível com uma existência de criatura”¹³. Por fim, Springsted e Diogenes explicitam:

O fundamento teológico do humanismo cristão é que os seres humanos são feitos à imagem de Deus. Como criaturas nós temos objetivos naturais que são valiosos e só podem ser propriamente alcançados dentro de uma cultura que reconheça [...] a supremacia e a graciosidade de Deus¹⁴.

Entendido dessa maneira, na concepção de Nunes¹⁵, o humanismo propiciou uma renovação da vida cristã que colaborou com os direcionamentos da Reforma Protestante do Século XVI, o que permite afirmar que humanismo e cristianismo não são opostos entre si. É bom lembrar que ele foi um importante passo no estudo da relação do ser humano com a natureza, tornando-se uma relevante maneira no entendimento da vida humana.

A partir da valorização do ser humano-natureza, um dos pressupostos do humanismo, desencadeou-se manifestações que resultaram na “revolução científica”, na qual a “revolução astronômica” foi um importante elemento. Dentre seus representantes mais importantes destacam-se Copérnico (1473-1543); Kepler

⁹ ABBAGNANO, N. Humanismo. In: _____. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 518.

¹⁰ HOOFT, V. Prefácio. In: BIÉLER, André. **O humanismo social de Calvino**. São Paulo: Oikoumene, 1970. p. 7-8.

¹¹ BIÉLER, 1970.

¹² SPRINGSTED; DIOGENES, 2010, p. 189.

¹³ SPRINGSTED; DIOGENES, 2010, p. 189.

¹⁴ SPRINGSTED; DIOGENES, 2010, p. 189.

¹⁵ NUNES, 1980, p. 5.

(1571-1630) e Galileu (1564-1642), os quais confluíram para a “física clássica” de Isaac Newton.¹⁶

Era um mundo em transformações nas mais diferentes esferas, que resultaram diretamente numa nova compreensão do ser humano e de sua relação com a natureza. Assim, houve uma mudança gradativa do *geocentrismo para o heliocentrismo*.

A Terra, até então vista como centro do universo, deixa de sê-lo e passa a ser mais um corpo celeste.¹⁷ Há fortes oposições religiosas cristãs às ideias heliocêntricas de Copérnico, porque suas autoridades eclesiásticas eram as detentoras da hermenêutica final da “verdade” de todas as coisas, conforme entendimento da igreja papal.¹⁸ Com relação aos protestantes, Antiseri e Reale¹⁹ comentam as ideias de Lutero, Calvino e Melanchthon da seguinte forma:

[...] com base nesses trechos da Escritura que Lutero, Calvino e Melanchton [sic] opuseram-se durante a teoria copernicana. Em seus Discursos à mesa, Lutero parece ter afirmado (1539): “as pessoas deram ouvidos a um astrólogo de dois vinténs, que procurou demonstrar que é a Terra que gira e não os céus e o firmamento, o Sol e a Lua [...]. Esse insensato pretende subverter toda a ciência astronômica. Mas a Sagrada Escritura nos diz que Josué ordenou ao Sol – e não à Terra – que se detivesse”. No seu *Comentário ao Gênesis*, Calvino cita o versículo inicial do Salmo 93, que diz: “Sim, o mundo está firme, jamais tremerá”. E se pergunta: “Quem terá a ousadia de antepor a autoridade de Copérnico à do Espírito Santo”? E Melanchton [sic], discípulo de Lutero, seis anos depois da morte de Copérnico, escrevia: “Os olhos nos testemunham que os céus efetuam uma revolução ao longo de vinte e quatro horas. Mas certos homens, por amor às novidades ou então para dar provas de genialidade, estabeleceram que a Terra se move e afirmam que tanto a oitava esfera como o Sol não giram [...]. Pois bem: é uma falta de honestidade e de dignidade sustentar publicamente tais conceitos. E o exemplo é perigoso. É tarefa de toda mente sã aceitar a verdade como ela foi revelada por Deus e a ela submeter-se”.

Por outro lado, Pearcy e Thaxton pontuam que as observações acima são historicamente questionáveis com base no princípio de que a “maioria dos reformadores ignorou a controvérsia com Copérnico, exceto por alguns comentários esparsos de ordem informal por Martinho Lutero e um sermão de João Calvino”²⁰. Segundo Pearcy e Thaxton²¹, os comentários informais de Lutero só foram registrados vários anos depois, tendo por base a memória dos participantes da conversa, em função disso não se pode afirmar como certo que Lutero teria depreciado o

¹⁶ ANTISERI, D.; REALE, G. *História da filosofia*. São Paulo: Paulus, 1990. v. II; BOFF, L. *Ethos mundial*: um consenso mínimo entre os humanos. 2. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2003. p. 185.

¹⁷ EBY, F. *História da Educação Moderna*. 5. ed. Porto Alegre: Globo, 1978. p. 2.

¹⁸ FALCON, F. J. C. *Iluminismo*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989. p. 31-35.

¹⁹ ANTISERI; REALE, 1990, p. 259.

²⁰ PEARCEY; THAXTON, 2005, p. 39.

²¹ PEARCEY; THAXTON, 2005, p. 39.

trabalho de Copérnico. No caso de Calvino valem as considerações de Russell: “[...] os historiadores insistem que Calvino jamais disse isso e que nunca atacou Copérnico em qualquer um de seus materiais escritos”²².

O debate suscitado quanto à veracidade dos pronunciamentos dos reformadores Lutero e Calvino não altera o argumento de que o *geocentrismo* imperava na compreensão de mundo de muitos religiosos cristãos da época, os quais poderiam entender que o *heliocentrismo* contrariava a doutrina bíblica da criação do mundo e textos bíblicos como os de Eclesiastes, capítulo 1, versículos 4 e 5: “Gerações vêm e gerações vão, mas a terra permanece para sempre. O sol se levanta e o sol se põe, e depressa volta ao lugar de onde se levanta” e, do livro histórico de Josué, capítulo 10, versículo 13: “O sol parou, e a lua se deteve, até a nação vingar-se dos seus inimigos [...]”.

Segundo alguns estudiosos dos avanços científicos²³, a “revolução científica”, por buscar a autonomia das proposições religiosas; regulada por um método corrigível e em progresso, com uma linguagem específica e clara e com as suas instituições típicas, foi resultado de um longo e tortuoso processo na busca da ocupação de seu espaço no pensamento cristão ocidental, porque assinalava o confronto entre duas visões diametralmente diferentes de mundo, uma científica e a outra balizada na fé, segundo Falcon²⁴ com uma concepção de um mundo firmado fundamentalmente numa *cosmovisão* religiosa com forte influência das crenças da Idade Média e que só poderia resultar na oposição aos avanços de um “novo espírito científico”. A impressão de uma nova imagem do mundo é destacada nas palavras de Antiseri e Reale:

O resultado do processo cultural que passou a ser denominado de “revolução científica” foi uma nova imagem do mundo que, entre outras coisas, propõe problemas religiosos e antropológicos não indiferentes. Ao mesmo tempo, representou a proposta de uma nova imagem da ciência: autônoma, pública, controlável e progressiva²⁵.

Todavia, não pode ser esquecido que essa proposta de “autonomia” convivia com a realidade da crença, bem presente, num Deus criador que imprimiu em tudo o que há uma ordem matemática e geométrica. Pearcey e Thaxton contrariam os pressupostos de Falcon, bem com os de Antiseri e Reale, com a afirmação de que o “Cristianismo ofereceu um ambiente intelectual que conduziu à iniciativa científica”²⁶. Para esses autores, frases como: “a guerra entre ciência e a religião’

²² RUSSELL, C. **Cross-Currens**: interanctions between Religion and Science. Grand Rapids: Eerdmans, 1985. p. 42.

²³ FALCON, 1989, p. 32.

²⁴ FALCON, 1989, p. 32.

²⁵ ANTISERI; REALE, 1990, p. 198.

²⁶ PEARCEY, 2005, p. 17.

são tão conhecidas que muitas pessoas nem sequer as questionam”²⁷. Daí suas afirmações:

É bem provável que o primeiro cientista tenha sido um indivíduo temente a Deus que não considerava a investigação científica e a devoção religiosa incompatíveis, pelo contrário, sua motivação para estudar as maravilhas da natureza era o ímpeto religioso de glorificar o Deus que as havia criado [...] Cientistas e historiadores como Alfred North Whitehead e Michael B. Foster convenceram-se de que, longe de ser um impedimento para o progresso da ciência, o Cristianismo na verdade o incentivou – que a cultura cristã dentro da qual a ciência surgiu não foi uma ameaça; mas, sim, exerceu a função facilitadora²⁸.

Schaeffer, ao traçar uma linha histórica da revolução científica e a proposta de autonomia da ciência, pontua que, nos dias da Reforma Protestante, havia a concepção da real unidade de conhecimento. Não separavam a religião da natureza, entretanto isso não implicava a ausência de liberdade científica; tratava-se do entendimento de que havia possibilidade para tal liberdade, mas que não só a ciência, a natureza e as artes, mas o próprio cientista estava debaixo da revelação das Escrituras.²⁹

Há que se reconhecer a pertinência dos argumentos acima, todavia os princípios apontados por Pearcy; Thaxton e Schaeffer estão mais diretamente relacionados aos de João Amós Comenius, que viveu entre os anos 1592-1670 (período em que a “revolução científica” acontecia)³⁰, no qual explicita, em suas mais de 250 obras, que a ciência e a religião não são incompatíveis, daí registrar nelas a inter-relação da fé com a ciência. Visto dessa maneira, ele é uma das provas de que a ideia quanto à incompatibilidade entre a religião e a ciência não surge necessariamente com a revolução científica. Pearcy; Thaxton sublinham que essa concepção surgiu com os trabalhos de John William Draper (1811-1882), Andrew Dickson White (1832-1918), os quais pretendiam provar os efeitos perniciosos do cristianismo sobre o progresso da ciência quando esta buscava intervir ou explorar a natureza.³¹

²⁷ PEARCEY, 2005, p. 17.

²⁸ PEARCEY; THAXTON, 2005, p. 18, 19.

²⁹ SCHAEFFER, F. **A morte da razão**. São José dos Campos (SP): Fiel; ABU, 1986. p. 22.

³⁰ Tomo a “Revolução Científica” com início da escrita **De revolutionibus** de Nicolau Copérnico em 1543, à obra de Isaac Newton, **Philosophiae naturalis principia mathematica**, publicada em 1687.

³¹ Para maiores esclarecimentos, ler: PEARCEY; THAXTON, 2005, p. 18-19.

A relação do ser humano com a natureza no pensamento teológico de João Amós Comenius

No estudo da *Didática magna* e da *Pampaedia* de Comenius, percebe-se sua fé explícita na defesa do criacionismo. Para ele, Deus criou todas as coisas, visíveis e invisíveis, e a criação reflete sua sabedoria e divindade.

E tendo feito o homem à sua imagem, dotado de mente, para que à mente não faltasse alimento, dividiu as criaturas em muitas espécies, para que este mundo visível fosse como um espelho finíssimo do infinito poder, sabedoria e bondade de Deus, cuja contemplação suscitasse admiração pelo criador, promovesse o seu conhecimento, despertasse o amor por ele, e realmente, permanecendo invisível, oculto no abismo profundo da eternidade, ele se manifesta em toda parte nas criaturas visíveis, pela força, pela beleza, ao paladar.³²

A criação do mundo possui dois objetivos fundamentais: 1) ser paraíso de delícias para o Criador; 2) servir de moradia e fonte de alimento para o ser humano. Além dessas duas funções, as coisas criadas também cumprem a função de suscitar nos seres humanos a admiração e o conhecimento do Criador, isto é o que pode ser extraído da proposição: “para que este mundo visível fosse como um espelho finíssimo do infinito poder, sabedoria e bondade de Deus, cuja contemplação suscitasse admiração pelo criador, promovessem o seu conhecimento, despertasse o amor por ele [...]”³³.

Na escrita da *Pampaedia*, Comenius explicita que a criação de Deus corresponde ao “Livro do Mundo”: “Ninguém põe em dúvida o valor do *Livro do Mundo*, o qual todos vêem abrir-se todos os dias diante de todos”³⁴.

Ao tratar do “Livro do Mundo”, ele o faz numa reflexão a respeito dos Livros Divinos, mas porque em seu tempo poucos tinham o texto bíblico nas mãos, ou alguns que o tinham não faziam sua leitura. Assim, o “Livro do Mundo” reveste-se de grande importância, pois todos podem facilmente reconhecer a pessoa do Criador. Por causa dessa possibilidade é que ele cita Isaías, capítulo 11, versículo 9, no qual Deus promete que toda a terra se encheria do seu conhecimento.³⁵

Na mesma *Pampaedia*, ele pontua: “[...] Com efeito, Deus não criou o sol para que o contemplássemos apenas a ele, mas também, através dele, as restantes obras de Deus, e não para que nos cegássemos, mas para que fôssemos iluminados”³⁶. Infe-

³² COMÊNIO, J. A. **Pampaedia (Educação universal)**. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1971. p. 50, 51.

³³ COMENIUS, J. A. **Didática magna**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 50, 51.

³⁴ COMÊNIO, 1971, p. 51, 52.

³⁵ COMÊNIO, 1971, p. 52.

³⁶ COMÊNIO, 1971, p. 171.

se que a relação do ser humano com a natureza ou com o mundo criado baseia-se na perspectiva de que, por meio dela, é possível alcançar o conhecimento do Criador.

Comenius argumenta que as obras da natureza são espelhos que refletem o Criador, em função disso é que Deus, ao criar o ser humano, dotou-o com os instrumentos dos sentidos.³⁷ “O conhecimento tem sempre início necessariamente nos sentidos [...] As coisas, primeiro e imediatamente, imprimem-se nos sentidos, para depois, graças aos sentidos, se imprimirem no intelecto.”³⁸

Já que a natureza é um dos livros divinos deixados por Deus para que a humanidade reconhecesse sua existência e o reverenciasse com cultos, não pode haver, da parte do ser humano, apenas atitude de extrair da natureza suas riquezas, mas também deve compreender que o *cosmo* manifesta a existência do Criador, portanto cabe-lhe a incumbência de cuidar dela, para que não lhe falte o conhecimento do Criador.

O ser humano foi formado a partir da natureza

O autor em estudo reconhece que Deus criou o ser humano a partir do material preexistente, o “barro”³⁹, conforme o texto de Gênesis, capítulo 2, versículo 7: “Então, formou o SENHOR Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente”. Nesse contexto, são relevantes as palavras de Reimer⁴⁰, que assinalam: “Para qualquer israelita, o termo *adam* necessariamente estabelece uma relação semântica com o termo *adamah*, que significa terra ou solo [...] os humanos são ‘seres saídos da terra’, são *húmus*, daí *humanus*, da natureza”.

Esse pensamento pode ser percebido em Comenius⁴¹:

No princípio, Deus, formando o homem da lama da terra, instalou-o no Paraíso de delícias, que implantara no Oriente, não só para que o guardasse e cultivasse (Gn II,15), mas também para que fosse um jardim de delícias mesmo para seu Senhor. Assim como o Paraíso era a parte mais amena do mundo, também o homem era a mais delicada das criaturas. O Paraíso foi posto no Oriente; o homem era feito à imagem daquele que existe desde o início dos dias da eternidade [...] no homem foram reunidos todos os elementos materiais e todas as formas e seus graus, para exprimir toda a arte da divina Sabedoria.

³⁷ COMENIUS, 1997, p. 97.

³⁸ COMENIUS, 1997, p. 233.

³⁹ COMENIUS, 1997, p. 277.

⁴⁰ REIMER, H. **Bíblia e ecologia**. São Paulo: Reflexão, 2010. p. 35.

⁴¹ COMENIUS, 1997, p. 21, 22.

Nessa discussão, não pode ser esquecida a afirmação de Comenius⁴²:

É de desejar que Deus atinja o objectivo que se propôs ao criar o homem. Quero dizer, o objectivo que o próprio Deus (após ter tomado a decisão de criar o homem) exprimiu com as seguintes palavras: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, e presida aos peixes do mar, e às aves do céu, e aos animais selváticos e a toda a terra” (Gênesis, 1,26). E quando disse ao homem depois de o haver criado: “sujeitai a terra e dominai-a” (Gênesis 1, 28).

Da citação acima colhe-se a informação de que o ser humano é senhor de si e goza do direito de sujeitar, no hebraico *kabash*, e dominar, *radah*, no hebraico, a terra.⁴³ Aliás, foi também com esse objetivo que Deus criou a humanidade:

De onde se conclui que se algum homem se torna dissemelhante de Deus (isto é, não sabendo ou não podendo agradar ao seu Criador, dominar as criaturas e governar-se a si mesmo), afasta-se do objectivo que o Criador lhe determinou e, em vez da glória de Deus, daí resulta a sua ignomínia. E nós devemos precisamente desejar e aplicar-nos a que Deus não seja frustrado no objectivo que se propôs ao criar o homem, isto é, a sua glória.⁴⁴

Visto assim, parece que a concepção de Comenius parte do princípio exploratório da natureza, ou que ele estivesse fundamentando o pensamento ocidental moderno para um *dominium terrae* irrestrito. Entretanto, afirma ele que homem e mulher foram criados para cultivar e cuidar da criação, por isso se contrapõe àqueles que somente exploram a natureza e fazem dela coisas horríveis: “Se todos forem ensinados a observar isto devidamente, será possível libertar o mundo de muitos abusos horríveis e abomináveis”⁴⁵.

As palavras comenianas são relevantes, sobretudo, se comparadas às ideias de Reimer, quando define os termos *kabash* e *radah*. Para Reimer, esses verbos aparecem em outras partes das Escrituras com diferentes interpretações, entretanto, em seu núcleo comum está a dominação, sujeição, posse, no sentido de “tornar a terra algo aproveitável”⁴⁶. Por conseguinte, não se devem utilizar os verbos acima para um domínio predatório da natureza, pelo contrário, o ser humano como vicegerente da criação deve ser fecundo e protetor de toda a criação visível de Deus.⁴⁷

⁴² COMÊNIO, 1971, p. 44.

⁴³ REIMER, 2010, p. 39.

⁴⁴ COMÊNIO, 1971, p. 45.

⁴⁵ COMÊNIO, 1971, p. 54.

⁴⁶ REIMER, 2010, p. 39.

⁴⁷ BARBOZA, A. W. V. **O mito e a história na criação**: uma análise literária de Gênesis 1.1-2.3. São Paulo: Fonte Editorial, 2010. p. 145.

Hoekema⁴⁸ afirma que a humanidade, após sua queda, conforme o relato do texto bíblico de Gênesis, capítulo 3, rompeu seu relacionamento com Deus, com o próprio ser humano e com a natureza. Na perversão dessa terceira relação, ao invés de dominar a terra em obediência e para a glória de Deus, o ser humano usa a terra e seus recursos para os seus próprios propósitos egoístas. Explora os recursos naturais sem se preocupar com o futuro; derruba florestas sem se preocupar com reflorestamento; planta sem rodízio de culturas, e assim deixa de tomar medidas para evitar a erosão do solo. As fábricas poluem rios e lagos, suas chaminés poluem o ar, e por aí vai.

Destaca-se que esse retrato significativo de Hoekema parece ter sido a preocupação de Comenius já no século XVII, por isso ele afirma: “Acrescentemos agora que é também do interesse das próprias coisas sujeitas ao domínio humano não serem administradas senão por homens sábios”⁴⁹.

Um pouco mais adiante, Comenius refere-se à terra como a casa do ser humano dada por Deus: “[...] Deus construiu tão opulentamente a casa (o mundo) que nos foi concedida para habitarmos que todas as coisas necessárias são abundantemente suficientes para todos, se formos doutros”⁵⁰. A partir da compreensão acima é possível acenar que ele, mesmo não utilizando o termo “ecologia”, parece ser um dos seus precursores, haja vista a semelhança de suas ideias com a definição de “ecologia” de Reimer⁵¹: “Em tempos de globalização, fala-se cada vez mais de ‘aldeia global’ ou ‘casa global’. Com isso, busca-se entender todo o nosso planeta Terra, ou melhor, todo o Universo como uma *grande casa*”.

Essa constatação colabora com o foco do presente artigo, isto é, compreender nas obras comenianas se em seu pensamento o ser humano e a natureza devem viver em harmonia, não sendo opostos entre si, pelo contrário, ambos são obras da criação do Criador e seres viventes da mesma grande casa.

A relação do ser humano com a natureza presente em sua concepção escatológica

A partir das palavras acima, vale destacar as relevantes considerações de Comenius, que não pretende deixar dúvidas acerca da relação do ser humano com a natureza e por isso apela para que a humanidade tenha acesso à educação. Em sua concepção, a educação de todos não só redundará em torná-lo “paraíso de delícias” para a glória do Criador⁵²; beneficiar a si mesmo e ao próximo, mas também resultará em benefício para as coisas que estão sob seu domínio.

⁴⁸ HOEKEMA, A. **Criados à imagem de Deus**. São Paulo: Cultura Cristã, 1999. p. 101.

⁴⁹ COMENIUS, 1971, p. 73.

⁵⁰ COMENIUS, 1971, p. 76.

⁵¹ REIMER, 2010, p. 15.

⁵² COMENIUS, 1971, p. 66.

A educação do ser humano é do interesse de Deus, de cada homem e mulher e do interesse das coisas sujeitas ao domínio humano. Nota-se, aqui, uma preocupação com as questões relativas ao meio ambiente, palavra que é emprestada da atualidade. Nesse viés, percebe-se a atualidade do pensamento comeniano, uma vez que essa é uma temática mundial atual, porém só enfatizada há poucos anos.

Entretanto, o autor da *Didática magna* e da *Pampaedia* já demonstrava ser essa uma preocupação pertinente à sobrevivência do ser humano e do seu hábitat. Quando o ser humano não exerce o seu domínio sábio sobre a natureza, esta sofre violência e geme sob o jugo humano. O resultado disso é que a natureza fica sujeita à inutilidade, pois não conseguirá servir a humanidade como deveria.⁵³

Ao afirmar que a natureza geme e espera ser libertada da escravidão iníqua imposta pelo ser humano⁵⁴, Comenius utiliza o texto em que o apóstolo Paulo escreve aos Romanos, capítulo 8, versículos 19-22, em que afirma:

A ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus. Pois a criação está sujeita à vaidade, não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação, a um só tempo, geme e suporta angústias até agora.

O texto paulino aponta para o princípio de que, no momento presente, a criação geme e suporta angústias, todavia há uma ardente expectativa de que não só o homem seja restaurado, mas igualmente toda a criação de Deus. Tratada essa passagem assim, é possível afirmar que o autor da *Pampaedia* tinha em mente duas questões: uma escatológica e a outra pensada para ser executada em seus dias.

Os pressupostos escatológicos de Comenius são apreciados no texto de Lopes.⁵⁵ Lopes entende que a escatologia comeniana baseia-se na ideia da eternidade. A eternidade é algo real porque o ser humano é composto de corpo e alma e ela possui como característica fundamental a eternidade. Por essa razão, Comenius⁵⁶ faz questão de enfatizar que esta vida é uma preparação para a eterna e que o fim último da existência humana não está nesta vida terrena, mas na eternidade.

A própria razão nos mostra que uma criatura tão excelsa está destinada a um fim mais excelso que o de todas as outras criaturas: a regozijar-se junto a Deus, sumidade de todas as perfeições, glórias e bem-aventuranças [...] tudo o que fazemos ou sofreremos nesta vida mostra que não atingimos aqui o fim último, mas que todas as nossas ações, assim como nós mesmos tendem para outro lugar [...]⁵⁷

⁵³ COMENIUS, 1971, p. 73.

⁵⁴ COMENIUS, 1971, p. 50.

⁵⁵ LOPES, 2006, p. 182-187.

⁵⁶ COMENIUS, 1971, p. 78.

⁵⁷ COMENIUS, 1997, p. 46, 47.

Ainda na *Didática magna* encontram-se as palavras de Comenius⁵⁸:

Por tender para outra vida, esta vida não é vida (propriamente dita), mas um preâmbulo para a vida verdadeira e eterna [...] esta vida sobre a terra não passa de preparação para a eterna, e por esse motivo, não é de admirar que a alma, utilizando o corpo, procure obter o que quer que lhe seja útil na vida futura. Assim que terminam esses preparativos, migramos daqui, porquanto não são mais suficientes as coisas de que nos ocupamos aqui.

Lopes⁵⁹, ao citar Kucera, afirma que o conceito linguístico de Comenius se apoiava em sua inclusão no contexto histórico salvífico-escatológico. A partir desse raciocínio é possível compreender a hermenêutica que Comenius faz do texto paulino de Romanos, capítulo 8, versículos 18-22, qual seja, a realização plena da criação de Deus só ocorrerá na eternidade, mas, por outro lado, todos os seres humanos, criados por Deus, são sacerdotes, chamados a servir a Deus, seu criador, no cuidado de toda a Sua criação.⁶⁰

Esse cuidado era necessário porque, no estudo escatológico comeniano, encontram-se indicativos de que ele acreditava num paraíso terrestre restaurado pela ação divina. Para ele, a implantação desse paraíso não demoraria muito, daí suas palavras: “O fim está próximo”⁶¹.

Nisso percebe-se a influência dos milenaristas hussitas-taboritas no pensamento comeniano, os quais, mesmo sendo um pequeno exército e em condições menos favoráveis que o exército da Casa de Áustria, venceu várias vezes esse exército, e a principal razão foi sua concepção de que haveria uma salvação coletiva, terrestre, iminente, total e sobrenatural, ou seja, a implantação de um paraíso terrestre, cheio de felicidade, o qual ocorreria após o fim do mundo, inaugurando o novo céu e a nova terra.

O próprio Comenius deixa transparecer sua crença em um paraíso terrestre, e talvez esse teria sido um dos grandes motivadores de seus escritos ou produções literárias. Somado a isso, não se pode esquecer da influência de Alsted, o qual escreveu uma obra intitulada *De mille annis apocalypsis*, na qual predizia o advento do reinado milenar para 1694, na sua *Magna reformatio*⁶².

Lee⁶³, comentando a respeito da concepção milenarista de Comenius, afirma:

⁵⁸ COMENIUS, 1997, p. 47, 49.

⁵⁹ LOPES, 2006, p. 184.

⁶⁰ COMENIUS, 1971, p. 59.

⁶¹ COMENIUS, 1971, p. 60.

⁶² LOPES, E. P. O milenarismo dos taboritas na Boêmia do século XV e sua influência no pensamento de João Amós Comenius. **Revista de Ciências da Religião: História e Sociedade**, São Paulo: Mackenzie, v. 7, n. 2, p. 34, 2007. Disponível em: <<http://www3.mackenzie.br/editora/index.php/cr>>. Acesso em: 11 nov. 2009.

⁶³ LEE, S. J. **The relationship of John Amos Comenius' theology to his educational ideas**. New Jersey, 1986. p. 150.

Comenius acreditava que Jesus Cristo voltaria novamente a esta terra para consolar e salvar todas as pessoas, e então estabeleceria seu reinado por mil anos [...] Comenius concebia que a volta de Jesus Cristo colocaria o fim na injustiça e a vitória final de Deus livraria todos do poder do mal.

Com a concepção de um paraíso terrestre implantado nesta terra, é permitido afirmar que deve haver harmonia na relação do ser humano com a natureza, do contrário, a terra gerará debaixo da servidão iníqua da humanidade. Por isso ele conclama que os homens sejam educados, inclusive na valorização de todas as coisas.

Com efeito, do mesmo modo que um jardim se torna melhor com um bom que com um mau jardineiro, um ofício se torna melhor com um bom que com um mau artesão, uma família se torna melhor com um prudente que com um mau pai de família, um reino se torna melhor com rei saber que com um rei ignorante, um exército se torna melhor com um general experimentado, etc., assim também acontece com quaisquer outras coisas sob a direcção de homens que as possuem e as utilizam segundo o seu direito, desde que saibam utilizá-las legitimamente.

No final das palavras acima, é registrada a proposição: “desde que saibam utilizá-las legitimamente”. O uso legítimo não é só relativo ao direito, mas é, sobretudo, ao cuidado, conforme Comenius⁶⁴ acena ao citar o livro de Provérbios de Salomão, capítulo 12, versículo 10: “O homem justo preocupa-se até com a vida do seu jumento; mas o ímpio é cruel”.

Com o mesmo raciocínio, ele afirma: “Por conseguinte, deve desejar-se que todos os homens e mulheres sejam ensinados a bem conhecer e a bem compreender as coisas e a usá-las e a fruí-las correctamente [...]”⁶⁵. No mesmo contexto, vale lembrar as palavras de Comenius⁶⁶:

E, desse modo, conseguir-se-á que o Paraíso perdido seja reencontrado, isto é, que o mundo inteiro se torne, para Deus, para nós e para as coisas, um jardim de delícias. Sabemos que isso se realizará plenamente na eternidade; mas que isso aconteça, ao menos incoactivamente, também no limiar da eternidade, no fim do mundo que se avizinha, é o que é necessário desejar, esperar e procurar realizar, com a ajuda de Deus. Amém.

Diante do exposto, também na concepção escatológica de Comenius está a base para afirmar que a relação do ser humano com a natureza colabora para a compreensão de que homem e mulher foram criados para proteger a criação de

⁶⁴ COMENIUS, 1971, p. 49.

⁶⁵ COMENIUS, 1971, p. 50.

⁶⁶ COMENIUS, 1971, p. 56, 57.

Deus e, dentre suas tarefas, está a de restaurar novamente esta terra no paraíso terrestre do Criador.

Não há lugar para abusos, nem ações puramente exploratórias fruto da ganância humana, pelo contrário, ele é o sacerdote de Deus encarregado de cuidar das coisas que lhes foram confiadas, deve-se, por conseguinte, ter em mente o amor à vida e todas as coisas, “de modo que, se há qualquer coisa que se lhe siga, seja também vida e não morte. De outro modo, se, pela vida, se devesse chegar à morte, teria sido preferível não ter nascido”⁶⁷.

Dito isso, há ainda outro importante argumento que explicita a relação do ser humano com a natureza no pensamento comeniano, trata-se do método de ensinar todas as coisas.

A relação do ser humano com a natureza no pensamento pedagógico de Comenius

O método único do ensino é o que segue as leis da natureza

Com foco na relação do ser humano com a natureza, na leitura tanto da *Didática magna* quanto na *Pampaedia*, Comenius dá uma abundância de exemplos emprestados da natureza, conforme as palavras de Kulesza⁶⁸ em seu comentário a respeito da ordem da escola: “[...] a ordem que deve reinar na escola não é constituída por uma elaboração teórica, mas deve ser emprestada da natureza, pois ‘a arte nada pode fazer, a não ser imitando a natureza’”. Assim, concebe-se “que o método único de ensino é o que segue as leis da natureza”⁶⁹.

Está explícito que há uma profunda consideração de Comenius pela natureza, por essa razão pode-se afirmar que, mesmo em algumas partes da *Didática magna*, como da *Pampaedia*, transparece o pensamento de “exploração da natureza”, que, quando há um estudo aprofundado de suas obras, o equívoco se desvanece. Um exemplo disso é a discussão comeniana em torno do termo “útil” com referência à natureza.

Na leitura da *Didática magna*, ao comentar a respeito da criação do mundo e por considerar o ser humano a mais elevada, perfeita e excelsa das criaturas⁷⁰, explicita que a verdadeira vida humana não está na atual, mas na futura, que é a eterna. Para ele, o fim último do homem está fora desta vida, de maneira que, por mais que o conhecimento seja adquirido nesta vida, ainda não é suficiente para sa-

⁶⁷ COMENIUS, 1971, p. 67, 68.

⁶⁸ KULESZA, W. **Comenius: a persistência da utopia em educação**. São Paulo: Unicamp, 1992. p. 106.

⁶⁹ GASPARIN, J. L. **Comênio ou arte de ensinar tudo a todos**. São Paulo: Papirus, 1994. p. 147.

⁷⁰ COMENIUS, 1997, p. 41.

ciar o desejo de conhecer de todo o ser humano. Esse desejo somente será saciado na eternidade.⁷¹

Bem próximo ao pensamento de Platão⁷², Comenius⁷³ demonstra que, em sua concepção, esta vida não passa de preparação para a eterna e “por esse motivo, não é de admirar que a alma, utilizando o corpo, procure obter o que quer que lhe seja útil na vida futura”. O termo “útil” é digno de destaque nessa parte da *Didática*, pois assinala o princípio de que, para o Pai da Pedagogia Moderna, o mundo visível foi criado para ser útil ao ser humano.

Ele justifica a variedade das espécies criadas pelo Criador, considerando que tudo foi criado para que nada faltasse em termos de alimento à mente do ser humano e que, ao mesmo tempo, servisse para lhe fazer refletir a respeito do infinito poder, sabedoria e bondade de Deus.⁷⁴ Infere-se daí que, para ele, o “mundo é tão somente o lugar onde nascemos e nos alimentamos [...]”⁷⁵. Um pouco mais adiante, ele explicita: “Tudo, pois, existe em função do homem, inclusive o tempo [...]”⁷⁶.

Estudado apenas com esse viés, pode-se ter uma conclusão não muito segura acerca do pensamento de Comenius a respeito da relação do ser humano com a natureza. Em função disso, vale destacar que, na *Pampaedia*, demonstra sua ideia quanto significado de “utilidade”. Para ele, as coisas são “úteis” quando são utilizadas corretamente a fim de atingir o objetivo próprio de sua natureza. “É do interesse das coisas, para que não corram o risco de serem perpetuamente inúteis, porque incorrectamente utilizadas pelos homens (ou seja, nem para glória de Deus, nem para salvação sua) [...]”⁷⁷.

Almeida⁷⁸, em sua reflexão intitulada *A crise do meio ambiente e a teologia de Leonardo Boff: uma perspectiva da teologia evangelical*, explicita que uma das razões para a instauração dessa crise é a ganância do ser humano, quando esse se utiliza da natureza sem a preocupação de fazer o seu uso correto. Aí está uma concepção que Comenius já assinalava no século XVII, quando afirma: “[que os homens] sejam ensinados a englobar dentro dos limites da prudência os negócios da vida presente, de modo que, mesmo neste mundo, todas as coisas estejam (o melhor

⁷¹ COMENIUS, 1997, p. 43-47.

⁷² Para a compreensão das proximidades do pensamento de Comenius com Platão na tratativa desta temática, ler: LOPES, Edson Pereira. O cuidado com a alma imortal nos diálogos Fédon, Fedro e República, de Platão. *Estudos de Religião*, São Bernardo/SP: Universidade Metodista de São Paulo, ano XXII, n. 35, p. 178-194, jul./dez. 2008.

⁷³ COMENIUS, 1997, p. 50.

⁷⁴ COMENIUS, 1997, p. 50.

⁷⁵ COMENIUS, 1997, p. 51.

⁷⁶ COMENIUS, 1997, p. 51.

⁷⁷ COMENIUS, 1971, p. 44.

⁷⁸ ALMEIDA, M. *A crise do meio ambiente e a teologia de Leonardo Boff: uma perspectiva da teologia evangelical*. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007.

possível) em completa segurança”⁷⁹. Podem-se ler, em suas palavras, indicativos de sua preocupação com a segurança do cosmo quando ocorre o uso impróprio da natureza. Talvez, por causa disso, ele proferiu as palavras:

Se conseguirem [...] disporão de antídotos contra a sua infelicidade os pobres mortais, a maioria dos quais não se preocupa com o futuro, põe em perigo o presente, todos estão em desacordo e lutam com todos e cada um consigo mesmo (nos seus pensamentos, palavras e acções) e, pela discórdia, arruinam-se e perecem⁸⁰.

Por conseguinte, seu princípio de utilidade difere do utilitarismo, uma vez que ele não parte de uma concepção “exploratória da natureza”, e sim o uso devidamente adequado das coisas visíveis. É assim que ele pontua que a natureza deve ser alvo de observação e de imitação. Isso pode ser evidenciado quando Comenius utiliza a natureza como exemplo e modelo para a arte de ensinar e aprender. Para fundamentar essa reflexão, é relevante acenar para o princípio de que, ao invés de fazer usos impróprios e exploratórios da natureza, Comenius se serve dela para tornar seu método de ensinar agradável.

A natureza aguarda o momento propício⁸¹

O pássaro não inicia a reprodução no inverno, nem no verão, nem no outono, mas na primavera, quando o sol dá vida e vigor a todas as coisas. As escolas contrariam esse princípio de duas maneiras: não aproveitando o tempo oportuno para exercitar os engenhos; e não organizando cuidadosamente os exercícios de modo que tudo avance gradualmente e sem erros. A criança não pode ser instruída enquanto é pequena demais, assim como não é de bom alvitre instruir o ser humano nem na idade adulta, nem na velhice. Deve ser feito no vigor da vida e da mente. Deve-se, pois, dar início à formação do ser humano durante a idade primaveril, durante a infância.⁸²

A natureza prepara a matéria antes de começar a introduzir-lhe a forma

A partir do mesmo exemplo citado acima, observar-se que primeiro ele desprende uma gota de seu sangue, depois o ovo, para só depois vir o filhote. De forma análoga, as escolas precisam ter à sua disposição os instrumentos necessários para que os jovens possam aprender com desenvoltura, tais como, livros, quadros,

⁷⁹ COMENIUS, 1971, p. 40.

⁸⁰ COMENIUS, 1971, p. 40.

⁸¹ Os subtítulos a seguir foram extraídos literalmente da *Didática magna*, capítulo XVI.

⁸² COMENIUS, 1997, p. 148.

exemplos, modelos etc. Que devem ser aplicados por profissionais competentes para que os resultados sejam bons.

Comenius entende que as escolas usam métodos errados, como ensinar primeiro as palavras antes das coisas, ensinar regras abstratas para só depois vi-rem a ser esclarecidas etc. Para corrigir métodos equivocados, desde sua origem, Comenius diz ser necessário:

Primeiro, ter prontos os livros e todos os outros instrumentos didáticos. Segundo, que o intelecto seja formado antes da língua. Terceiro, que não se aprenda nenhuma língua a partir da gramática, mas apenas a partir de autores apropriados. Quarto, as disciplinas reais devem preceder as lógicas. E por último, os exemplos devem preceder as regras⁸³.

A natureza torna um indivíduo apto e prepara-o antes, oportunamente

O pássaro coloca no ninho para chocar um ovo, objeto próprio para dele nascer um passarinho. No processo de chocar o ovo, ele não só o aquece como vai revirando-o até que o passarinho esteja pronto para sair daquele recipiente. Isso significa que é preciso predispor as mentes dos alunos para depois ensiná-los, é que pode ser visto na afirmação de Comenius⁸⁴:

Na maioria das vezes, tenta-se enxertar as mudas da ciência, dos costumes e da piedade antes que a planta tenha lançado raízes, antes de estimular o amor pelo estudo naqueles que a isso não foram estimulados pela própria natureza. Os arbustos e as estacas não foram limpos antes da plantação: as mentes não foram liberadas das ocupações supérfluas, nem foram submetidas à ordem.

Nota-se nas palavras acima a preocupação dos envolvidos com o processo ensino-aprendizagem quanto ao momento mais apropriado para a iniciação educacional. Isso, na concepção comeniana, pode ser aprendido com a natureza.

Ao formar um pássaro, antes de fazê-lo voar, há um processo constitutivo de ossos, nervos, veias, carne, pele, penas etc. Para Comenius⁸⁵, as escolas erram quando, não seguindo a sabedoria da natureza, abarrotam as mentes dos alunos com muitos conhecimentos de uma só vez, ou ao mesmo tempo. A ideia é que se ensine e se aprenda uma coisa por vez em dado momento da vida, conforme a natureza ensina.

Diante do exposto, ficou explicitado, tanto no pensamento teológico quanto pedagógico de Comenius, que ele não concebe uma concepção “exploratória da natureza”, e sim o uso que não seja prejudicial ao ser humano, que também é parte integrante da natureza.

⁸³ COMENIUS, 1997, p. 151.

⁸⁴ COMENIUS, 1997, p. 152-153.

⁸⁵ COMENIUS, 1997, p. 154.

Considerações finais

Ainda que não seja possível aplicar o termo meio ambiente a João Amós Comenius, por ser uma palavra diretamente relacionada com os tempos modernos, não se pode negar que ele já apontava para essa preocupação em pleno século XVII. Por si, essa constatação pontua que ele estava à frente do seu tempo e que é um autor clássico, uma vez que suas ideias perpassam várias gerações, que resulta em sua sempre atualidade. Percebe-se que o Pai da Pedagogia Moderna, à semelhança dos filósofos gregos, como Aristóteles e outros, estava preocupado com a felicidade⁸⁶, não em termos egocêntricos, mas em descobrir antídotos contra a infelicidade, e no centro dessa preocupação estava a relação do ser humano com a natureza⁸⁷, ou melhor, o respeito do ser humano pela natureza. Afinal de contas, nesta mesma terra seria implantado o paraíso terrestre do Criador.

Referências bibliográficas

- ABBAGNANO, N. Humanismo. In: _____. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 518-519. [verbete].
- ALMEIDA, M. **A crise ecológica e a teologia de Leonardo Boff**: uma resposta na perspectiva da teologia evangelical. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007.
- ANTISERI, D.; REALE, G. **História da filosofia**. São Paulo: Paulus, 1990. v. II.
- BOFF, L. **Ethos mundial**: um consenso mínimo entre os humanos. 2. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- BARBOZA, A. W. V. **O mito e a história na criação**: uma análise literária de Gênesis 1.1-2.3. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.
- COMÊNIO, J. A. **Pampaedia (Educação universal)**. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1971.
- COMENIUS, J. A. **Didática magna**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- EBY, Frederick. **História da Educação Moderna**. 5. ed. Porto Alegre: Globo, 1978.
- FALCON, F. J. C. **Iluminismo**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.
- GASPARIN, J. L. **Comênio ou arte de ensinar tudo a todos**. São Paulo: Papirus, 1994.
- HOEKEMA, A. **Criados à imagem de Deus**. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.
- HOOFT, V. Prefácio. In: BIÉLER, André. **O humanismo social de Calvino**. São Paulo: Oikoumene, 1970. p. 7-8.
- KULESZA, W. **Comenius: a persistência da utopia em educação**. São Paulo: Unicamp, 1992.
- LEE, S. J. **The relationship of John Amos Comenius' theology to his educational ideas**. New Jersey, 1986. p. 150.
- LOPES, E. P. **Fundamentos da teologia da educação cristã**. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

⁸⁶ LOPES, E. P. **Fundamentos da teologia da educação cristã**. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

⁸⁷ COMENIUS, 1971, p. 40.

LOPES, E. P. O milenarismo dos taboritas na Boêmia do século XV e sua influência no pensamento de João Amós Comenius. **Revista de Ciências da Religião: História e Sociedade**, São Paulo: Mackenzie, v. 7, n. 2, p. 33-58, 2007. Disponível em: <<http://www3.mackenzie.br/editora/index.php/cr>>. Acesso em: 11 nov. 2009.

_____. **A inter-relação da teologia com a pedagogia no pensamento de Comenius**. São Paulo: Mackenzie, 2006.

PEARCEY, N. R.; THAXTON, C. B. **A alma da ciência**: Fé cristã e filosofia natural. São Paulo: Cultura Cristã, 2005.

REIMER, H. **Bíblia e ecologia**. São Paulo: Reflexão, 2010.

RUSSELL, C. **Cross-Currens**: internactions between Religion and Science. Grand Rapids: Eerdmans, 1985.

SCHAEFFER, F. **A morte da razão**. 4. ed. São José dos Campos (SP): Fiel, 1986.

SPRINGSTED, E. O; DIOGENES, A. **Filosofia para entender teologia**. Santo André (SP): Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010.

THE UNITED Nations declared 2010 to be the International Year of Biodiversity. Disponível em: <www.cbd.int/2010/welcome/>. Acesso em: 28 nov. 2010.